



RELATÓRIO

**41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019**

CRÍTICO: SIMONE CARLETO

DIA: 9/11/19

CATEGORIA: ADULTO

PEÇA: VIDAS SECAS

GRUPO: CARAVAN MASCHERA

CIDADE: ATIBAIA SP

Sonhar é viver experiências no teatro de imagens de *Caravan Maschera*

Por Simone Carleto¹

*"É de sonho e de pó
O destino de um só"
(Romaria, Renato Teixeira)*

A curadoria do 41º Feste demonstra o quanto o festival contribui para a formação de público para o teatro na cidade de Pindamonhangaba. Na noite de 9 de novembro, parte do público de fato demonstrou já conhecer o trabalho artístico de *Caravan Maschera*, companhia formada por Giorgia Goldoni e Leonardo Garcia. A linguagem dos bonecos, mas também de toda a encenação que privilegia os aspectos imagéticos, conquistou o público da cidade, que reconhece a competência cênica de Giorgia e Leonardo em criar ambientes fantásticos, ou seja, em estimular a fantasia, uma das principais características da construção artística. Os artistas de *Caravan Maschera*

¹ Crítica do 41º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

buscam esmerar sua poética, experimentando diferentes técnicas, referências de imagens e obras de inspiração a cada trabalho produzido e também especificamente em *Vidas Secas*. Assim, compondo os elementos da poética, estão a fantasia, como forma de reinventar o mundo, sem limites para imaginar; a técnica, relativa ao fazer artesanal e à forma de desenvolver conhecimento de mundo; a capacidade de pensar; e a habilidade de fazer, criar e recriar a realidade.

Em *Vidas Secas*, a partir de livre inspiração na obra homônima de Graciliano Ramos (1892-1953), o grupo reconfigura a temática presente na obra literária publicada em 1938, na qual a aridez da vida e do sertão apresentam a precariedade humana. Narrativo, o texto do autor alagoano possibilita que o/a leitor/a visualize as situações e as imagine de acordo com seu repertório. Também provoca o/a leitor/a a colocar-se no lugar das personagens. Humanizando a cachorra Baleia, Graciliano toca a essência afetiva que permeia as relações entre os seres humanos e a natureza, que inclui a terra e os animais. Para construir o roteiro dramático da peça, *Caravan Maschera* propôs a criação das cenas a partir de referências de imagens da obra *Os Retirantes* (1944) de Cândido Portinari (1903-1962) e da fotografia de Sebastião Salgado (1944). Aliou a esses elementos a incorporação de diferentes técnicas de manipulação de bonecos, indo dos bonecos de vestir que aproveitam o corpo dos intérpretes como estrutura, da manipulação direta ou de articulação dos bonecos, passando pelos bonecos de luva, mamulengos, até o teatro de objetos. Outra camada da obra refere-se à justaposição e entrelaçamento dessas técnicas, partindo da relação entre os intérpretes e bonecos como mote. Eles explicitam questões, afetos, desafios e conflitos dessa convivência, humanizando os bonecos, semelhante ao modo como Graciliano humanizou Baleia.

Já em termos da proposta de encenação, que alinhava os elementos citados: temática, referências e técnicas experimentadas; o grupo lança mão da metáfora, que nos transporta da história anteriormente ligada ao sertão nordestino brasileiro, para a história do ser humano e de diversos povos que, de um modo ou de outro, buscam lugares reais ou hipotéticos nos quais possam realizar seus destinos.

O enfoque filosófico experiencial do teatro de sensações da dupla artística traz em *Vidas Secas* um espetáculo que trata das buscas simbólicas e materiais dos seres humanos por condições dignas de existência. Perseguir essa dignidade inclui a luta pela possibilidade de romper barreiras de imposições sociais, convenções e formalidades vazias de sentido. Nesse percurso, além de representar a trajetória humana pelo mundo, com seus êxodos, imigrações e migrações, tal como Sísifo, que estava fadado a cumprir seu destino trágico, está o ser humano im-potente diante do entendimento do sentido da vida, na qual a ele só resta prosseguir. Portanto, encaminha-se de diferentes modos para entender-se consigo mesmo e com a realidade na qual se (des)encontra. E é nesse **como** prosseguir que talvez esteja a arte de viver e arte do artista. Assim, as figuras que abrem e finalizam a obra antes de seu belíssimo epílogo com a terna imagem do homem (Fabiano) e da natureza (Baleia) juntos em um devir-a-ser, remetem às andanças de povos de todos os tempos, ou seja, à ancestralidade humana, e também aos artistas populares, deambulantes, de país em país, estado em estado, cidade em cidade, e assim por diante, revelando a tentativa atávica e incessante do “artista ir aonde o povo está”.

Diante dessa mesma empreitada, e com uma obra porosa às interpretações do público como co-autor do espetáculo, Giorgia Goldoni e Leonardo Garcia nos encantam, com tamanha generosidade em compartilhar conosco o processo de pesquisa de linguagem que construíram em sua carreira. Ao finalizar, retomo a epígrafe, na qual o sonho e o pó podem remeter à infinitude e às nossas minúsculas partículas que compõem toda matéria e que voltarão à terra; na qual romaria pode significar também viagem para concretizar a existência de um outro mundo possível. E cito outro trecho da mesma canção, celebrando o potencial da dupla em criar, enquanto a utopia não chega, uma

realidade suspensa que nos mostra um caminho: *“Só queria mostrar/Meu olhar, meu
olhar,/Meu olhar...”*